



# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário

7 de Outubro de 1989

Ano XLVI — N.º 1189 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

**1** «Não chores.»

A cena é conhecida no Evangelho: «Jesus dirigia-Se para uma cidade chamada Naim. Os discípulos e grande multidão seguiam com Ele. Quando iam a chegar à porta da cidade, traziam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe que era viúva. E vinha com ela hastante gente da cidade. Ao vê-la, o Senhor compadeceu-Se e disse-lhe: «Não chores.»

Àquela hora e naquele dia, muitas cenas semelhantes aconteceram, entretanto. No caminho do Peregrino apareceu esta.

Parou.

Foi ter com a mulher que chorava, saindo do meio da multidão que O acompanhava. Os discípulos teriam ido com ele ou ficaram parados, a olhar?

Deu-se conta da situação concreta por que passava aquela família.

Não avançou enquanto não Lhe deu uma resposta. Sabemos qual foi: «Jovem, Eu te ordeno: levanta-te!» E entregou-o à mãe.

Secou a fonte das lágrimas e um problema foi resolvido.

**2** Foi um acontecimento, naquele tempo. Estou a reviver, agora, o que meus olhos viram: Mães com os filhos no regaço e os peitos dependurados, secos. Não foi o Senhor, na Sua Pessoa histórica que passou, olhou, parou e foi ter com elas para lhes dar a vida. Outras vidas que tinham deixado tudo, continuaram a mesma missão. Aban-

donaram a multidão em que andavam embrulhadas, encheram-se de coragem com a serenidade de quem encontrou o caminho certo e deram-se todas, a tempo inteiro, para salvar as mães e os filhos. Autênticas resurreições! E tudo faziam, indiferentes ao cansaço, com a alegria de quem dá à luz uma vida nova. A salvação do nosso mundo não está no amontoar riqueza, antes no «pôr e tirar» para que todos tenham o quinhão que lhes pertence, por justiça.

São necessários testemunhos de amor total que, mergulhando no mundo dos Pobres, produzam o choque na multidão de corações que vivem satisfeitos, gozando o mais que podem, indiferentes aos caídos na borda do caminho.

Criar riqueza com o esforço de todos sem que todos dela participem na medida justa, é gerar revoluções que roubam a segurança e a tranquilidade. E, mais que tudo, a paz de consciência que é o fundamento da verdadeira alegria de viver. Eis a tarefa essen-



A alegria enche, de leite, os peitos das mães com os filhos ao colo.

cial de crentes e não crentes. A paz, em todos os cantos da vida, tem o nome de Solidariedade.

Fazem falta, sim, testemunhos radicais, com a força do fermento, que deixem sua vida normal, unicamente para serem diferentes no serviço. Tornam-se, deste modo, o agulhão incómodo e persistente, capaz de soltar as amarras do que é mais cómodo, do que dá mais prazer, em pre-

juízo do equilíbrio social que faz um povo feliz.

**3** Acredito que muitos jovens e adultos estariam na disposição de se desembaraçarem do círculo de banalidades em que vivem, se descobrissem a riqueza do dom da vida através de comunidades religiosas ou não, em que

Cont. na página 4

## AQUI, LISBOA!

«O mundo tende a colocar de parte aquilo que parece não prestar; um Incurável é um estorvo. O mundo engana e engana-se. Na hora em que a chamada ciência se retira, começa o poder de Deus. O Incurável é uma fortuna.»  
(Pai Américo)

Escrevemos estas notas despreziosas no dia 15 de Setembro, precisamente quando a Igreja comemora a Festividade de Nossa Senhora das Dores. Simples coincidência, sem dúvida, mas ocasião de profunda reflexão para nós, que nestas duas últimas semanas tivemos ocasião de contactar de perto o sofrimento físico e moral de muitos Irmãos nossos, qual deles o mais difícil e penoso de suportar. Pensamos, todavia, que esta experiência não terá sido em vão, já que, avivando a nossa fé, melhor nos capacitaremos para abarcar o valor redentor do sofrimento que, para muitos, continua a ser uma das grandes objecções à existência de Deus.

Uma breve passagem pelo nosso Calvário foi o início da nossa «peregrinação» sem esquecer uma visita ao «campo santo» que lhe está anexo. Nunca ali vamos apáticos ou insensíveis. O drama daqueles Irmãos, muitos dos quais abandonados pelas famílias e pela sociedade em que vivemos, padecendo dos mais variados e profundos males, compromete-nos e solidariza-nos com os mais fracos, quanto nos revolta pela atitude do mundo, onde a fraternidade e a solidariedade com os que sofrem estão, infelizmente, cada vez mais ausentes.

Um segundo passo desta nossa «romagem» foi a visita a um lar, onde o grosso das pessoas se encontra envelhecida e diminuída nas suas faculdades físicas ou psíquicas. Trata-se dum bom estabelecimento no género, com boas instalações e limpeza impecável, muito procurado e com lista

Continua na página 4

## O NOSSO JORNAL

Não me lembro se entre os vários títulos com que tem sido cognominado, já apareceu este: **apaixonante**. A carta que aí vai, sugeriu-me este nome; e, dentro de mim, ressoou aquela palavra que Pai Américo disse em uma Festa no Coliseu do Porto, a respeito de Jesus: «O Apaixonante a fazer apaixonados». Com Ele é assim. Dois mil anos não murcharam esta paixão que d'Ele irradia e é captada por tantos. Outros dois mil e outros e outros... não murcharão. E o mesmo acontece com tudo e todos que são eco d'Ele. O GAIATO é. Por isso quarenta e cinco anos a glosar o mesmo tema, nem o esgotou nem cansou os seus leitores que, cada vez mais numerosos, se sentem necessitados pela sua expansão. Foi esta necessidade, experimentada, que inspirou e motivou este casal ao projecto que imediatamente se comunica:

«A minha mulher e eu gostaríamos de ajudar a crescer o número de assinantes d'O GAIATO. Assim, pensamos pedir o favor de enviar o jornal, durante dois

números seguidos, para casa dos nossos colegas médicos, da zona norte de Portugal. Cada número vai ser um convite para se inscreverem assinantes d'O GAIATO e contribuirem para o crescimento da Obra criada por Padre Américo.

O número de jornais está limitado ao valor do cheque, que junto envio. Logo que possível enviarei mais, para todos receberem O GAIATO. Se julgar conveniente, divide-se em grupos de 2000 ou 3000, para evitar maior sobrecarga no serviço.

Já pedi na Ordem dos Médicos o favor de me fornecer as listagens das direcções, em autocolantes, para os dois números. Hoje recebi a boa notícia de que o Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos decidiu oferecer estas listagens a O GAIATO, enviando-as directamente, logo que prontas.

Vamos pedir ao Padre Américo, para que sejam muitas as sementes a cair em bom terreno, com muitas assinaturas para O GAIATO.»

Cont. na página 4



# PELAS CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**VINDIMAS** — O Verão já vai longo e o Sol prepara-se para deixar passar os apressados ventos que fustigarão as folhas no Outono, arremessando-as ao chão!

A época das vindimas chegou! O Padre Carlos deu a notícia e, embora alguns tivessem começado a vindima mais cedo, entrámos nos preparativos!

Os estudantes (desde o 7.º ano de escolaridade) exercem o novo trabalho, pois são mais disponíveis (os restantes têm trabalho próprio na Casa). Além dos estudantes, também os trabalhadores e mestres, do campo.

A Mãe-Natureza foi razoável conosco, ao contrário do ano ramato: há muito que vindimar nas ramadas que enfeitam os nossos campos!

Depois das instruções dadas pelo Padre Carlos, começámos o trabalho com afinco (e assim tem continuado!): agarrados às escadas, cortamos os cachos de uvas e enchemos os baldes que o tractor leva à adega; os «Batatinhas» vão atrás, apanhando os bagos que caem no chão.

Temos muitas ramadas: nos «campos novos», no pomar e, sobretudo, nos campos da mata. Aqui, servem para completar a visão de um tapete verde que lá se vê, da nossa Aldeia; em baixo, o campo de milho estende-se sublime, também com o seu comprido manto verde de pontas brancas e, em toda a volta, enfeitam-se com as manchas de amarelo e vermelho das ramadas; vão subindo, depois, pequenos campos que as folhas tapam dos olhos curiosos;

ainda lá, um conjunto de socacos com uvas de qualidade, separados daqueles campos por um caminho de terra que sobe e a todos toca e dá ligação; no cimo, árvores na mata, imponentes como uma coroa na cabeça de um rei!

Durante a vindima alguém lembrou tempos remotos em que, nas pequenas aldeias (e mesmo em nossa Casa do Gaiato), se vindimava ao sabor de lindas canções que ecoavam nos ares pela força colectiva e animavam o ambiente. Há valores que se perdem, pouco a pouco e, depois, apenas fica a recordação!

Em cada cacho de uvas colhido esconde-se um tesouro por demais precioso: cada bago é um delicioso beijo da Natureza!...

Bento

## MIRANDA DO CORVO

**ANO ESCOLAR** — As aulas do ano lectivo de 1989/90, já começaram na maior parte do País. Os nossos rapazes que estudam, à noite, entraram com o pé direito, enquanto os que estudam de dia, em Coimbra, começaram as aulas na segunda-feira, ficando assim à espera de um novo ano lectivo. Vai ser mais um ano escolar e é preciso que nos dediquemos ao estudo para chegarmos ao fim descansados e passados. É isso que todos desejamos: passar de ano e ficar a saber alguma coisa.

**SACRAMENTOS** — No domingo passado, mais um dia de festa no seio da nossa família: vinte e um rapazes

receberam o sacramento da Comunhão, pela primeira vez — o Corpo e o Sangue de Cristo; e três deles receberam o Baptismo, primeiro sinal de união à Igreja e tornando-se mais da Família de Deus.

Cantámos louvores ao Senhor por este dia, na Missa. Depois do pequeno almoço, de festa, foram com o Padre Horácio até Fátima, consagraram-se a Nossa Senhora e cada um trouxe uma dezena ou um fio com uma cruz, em recordação desse dia. Gostaram muito e ficaram muito felizes. Passaram, depois, pela Batalha, e almoçaram no restaurante do nosso Vitor.

Esperamos que se tornem mais fiéis a Deus.

**VINDIMA** — Quinze gaiatos, cada um com a sua navalha ou tesoura e os baldes, foram vindimar as uvas.

A Câmara de Miranda de Corvo também nos deu as uvas da vinha que tem. Foram duas tractoradas.

Este ano foi mais favorável em relação ao ano passado. Esperamos boa produção de vinho.

Também apanhámos a deliciosa fruta dos nossos pomares para a sobremesa.

**VISITAS** — Ultimamente, não há muitas visitas a nossa Casa. Mas, de qualquer maneira, estamos sempre de porta aberta para as excursões que nos queiram visitar. Temos o prazer de anunciar que estamos a construir um novo espaço para piqueniques. Aproveitámos uma vinha que já não dava cachos e o Padre Horácio decidiu arrancar as videiras e os pilares. Já foram buscar carradas de areia para espalhar em todo o espaço. Agora, só falta plantar umas árvores e colocar umas mesas e bancos para recebermos os que desejarem comer à sombra.

Carlos José

## Conferência de Paço de Sousa

O correio traz uma carta, dos arredores do Porto, expondo as carências duma viúva, em paróquia vizinha; lugar onde, noutros tempos bem difíceis, passara um samaritano fazendo o Bem. Recordamos essa aurora, no cimo do monte, num meio tão pobre; assim como o hiato — que permanece — apesar da *estrela* dos Magos ser visível no horizonte.

Topámos a viúva e os quatro filhos. Os dois mais pequeninos no colo da mãe, que desabafa: O marido serviu num matadouro municipal e recebe uma pequeníssima pensão de sobrevivência...! No entender da *crucificada*, «*ele só lá trabalhou nove anos*».

Inquirimos sobre abonos de família. Que sim — «*mas é tão pouquinho... Somos cinco!*»

A vizinha adianta algo mais e supre a natural timidez da pobre mulher: «*Agora, pelo S. Miguel, têm de pagar a renda (anual) da casa à senhoria, — 30 contos...!*»

Só quem, um dia, sofreu pobreza ou miséria idêntica (quase no ano 2000 sem vislumbrar solução no horizonte para os problemas da viuvez), chega à conclu-

são de que o mundo dos responsáveis fecha os olhos, os ouvidos; como se estas famílias *destroçadas* não fossem um sector mais que prioritário, de todos os pontos de vista, numa racional política de defesa da Família. Não vale a pena enumerá-los, tão óbvios são, das crianças às mães. E não se venha, depois, *atirar pedras* à delinquência infantil, à prostituição... Ou realizar colóquios, etc.

No mês corrente, as viúvas inscritas no MEV (Movimento Esperança e Vida) recomeçam as actividades em todos os Centros. Nos limites estreitos da sua acção, têm que repensar ou reactivar a forma de se motivar *todas* as instâncias oficiais, d'alto abaixo, sobre o abandono (de benefícios sociais) a que estão votadas as companheiras mais pobres.

Deus não dorme! Nós é que dormimos e precisamos d'acordar, como a assinante 19138 que pousou na terra da Mãe do Céu (Fátima) e manda notícias na hora em que certificámos o caso vertente. Feliz coincidência!

«*Junto um cheque para o nosso querido jornal O GAIATO — que tanto prazer espiritual nos dá! — sendo os restantes três mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Se me permitirem, gostava que fossem para uma senhora que tenha filhos para criar. Ora, como comecei a receber uma pequena reforma, quero ter a grande alegria de, todos os meses, enviar 2.000\$00 à Conferência, para ajuda duma mão aflita, pois nunca faltou nada aos meus filhos, graças a Deus, e faz-me muita pena pensar que há quem tenha tantas aflições. Deve ser horrível uma mãe não ter que dar de comer aos filhinhos!*»

Assim todo o mundo pensasse — e agisse!

**PARTILHA** — A assinante 4456, da Covilhã, lamenta-se: «*Ando com a minha contabilidade muito atrasada e Deus me perdoe a negligência*». Junta um cheque para vários sectores e mais vinte contos «*para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*». A beleza do gesto reside toda, todinha, naquele «*Deus me perdoe a negligência*».

Assinante 9102, do Rio de Janeiro (Brasil), confia que entregou uma fatia de cinquenta cruzados novos ao nosso Manuel Lopes — para O GAIATO e os nossos Pobres: «*Se sobrar alguma moedinha, apliquem nas carências que ajudais*».

A habitual mensalidade, do Fundão, «*em memória de minha mãe e desculpem tanta 'divisão'*». Retribuímos o forte abraço e a vossa delicadeza d'alma.

Assinante 32958, de Monção, 15.350\$00 «*para uma velhinha pobre. É a última pensão de reforma da minha mãe e queria que lhe dessem esse destino*». Missão cumprida!

Baguim do Monte (Rio Tinto), o cheque, do costume, destinado a uma viúva. Há quantos anos marca presença assídua!

Assinante 3359, da capital do Norte, muito certinho, com 1.500\$00 «*para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, cuja aplicação fica ao vosso critério*».

Cinco mil, de Marília, «*em sufrágio das almas de todos os meus falecidos*». O mesmo, de Alcobaca, para ajudar uma viúva: «*Gostaria que fossem aplicados em remédios para aliviar o sofrimento. Para mim são uma necessidade*

*primeira (e nem sempre se lhes dá a devida importância)*».

Viseu: «*Leio sempre os artigos mais graúdos e os mais miúdos d'O GAIATO. Isto desde 1944. Quanto tudo está mudado... Agora, a maior necessidade é acudir aos sem casa. E vós estais muito empenhados nisso. Eu, também. Portanto, há que dar a mão com qualquer coisa que vá ajudando a comprar alguns materiais. Por agora vão 250 contos. Confio em vós. Eu tenho dentro de mim um Fogo que me queima, se não reparto. Queria repartir mais e melhor. Mas há restrições que me são impostas por vários lados. Peçam ao Senhor que me dê a Sua coragem para levar o resto do tempo — que terei de cá andar — sem desânimo e com conformação*».

Com este oportuno estímulo, continuaremos a beneficiar as primeiras moradias que Pai Américo ergueu — com muita devoção — em Paço de Sousa; e servir mais alguns autoconstrutores aflitos, que esperam ter para as suas casas, após trabalho insano que não é fácil relatar!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## SETÚBAL

**AGRICULTURA** — É predominante em nossa Casa, no mês de Setembro. Andámos a apanhar duas camionetas de tomate para a fábrica. O José Carlos, nosso tractorista, está doente e, como não havia ninguém para o substituir, ele teve que conduzir, com sacrifício, o tractor, para que os nossos rapazes pudessem plantar a couve, pois o tempo estava bom para a tarefa.

Já começámos com a silagem do milho para alimentar os animais durante o Inverno. Mais uma vez, lá andam o José Carlos e o sr. João, o mestre da agricultura.

**DESPORTO** — Começou o ano desportivo. A antiga Direcção é composta pelo «Andorinha» e o Martinho. O esquema do ano passado não mudou e ficou assim: Treinadores — Joaquim, Marinho e «Andorinha». Roupeiro: Jorge Freitas.

Foram convocados 22 jogadores para cada escalão da equipa.

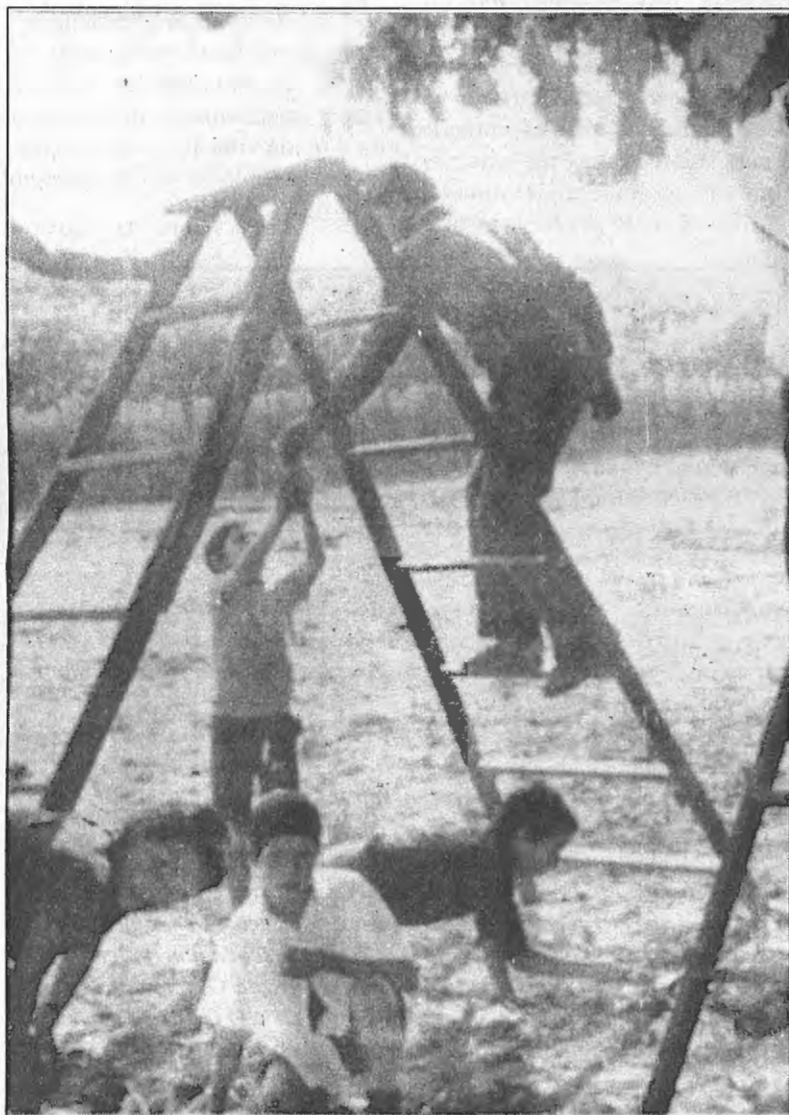
Já realizámos um encontro (futebol sénior) em Cajados e vencemos a equipa local por 5-2.

Pedimos aos nossos Leitores que possuam material desportivo (bolas de volei, futebol, chuteiras, etc.), que nos façam uma oferta para que os treinos sejam mais completos. Agradecemos.

Jorge Anjo

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Voltamos à vossa presença para dar testemunho do que tem sido a nossa caminhada. Não pense que o trabalho tem sido fácil. Encontramos muitas barreiras que, por vezes,



«Andamos com a vindima (em Paço de Sousa). Os garotos deliram; andam sem regra nem lei, estes dias» — escreveu Pai Américo. E a legenda permanece!



# Tribuna de Coimbra

Com o fim de férias todos tomaram seus lugares. Os nossos estão todos arrumados. A vida entrou em seu ritmo normal.

Durante o período de Verão encontrámo-nos com muitos irmãos. Amigos, nas igrejas da Praia de Mira, Luso, Figueira da Foz, Tamengos e Curia. Procurámos alertar todos para as crianças nuas e famintas e para as famílias sem casa que encontramos nos nossos caminhos. Procuramos e temos obrigação de denunciar o mal. Ai de nós se passamos e viramos a cara para não ver! Ai de nós se não insistirmos à conversão das nossas vidas! O bom samaritano foi o único que ganhou. Porque amou. Porque se comprometeu. A nossa sociedade de hoje tem tanto medo ao compromisso! Procuramos todos, muito, as nossas liberdades.

Alguns vieram ter connosco: Na Praia de Mira. No nosso Lar de Coimbra. Na Casa do Castelo. Na nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo:

Veio Amiga, de Soure; uma carta, de Coimbra; duas Amigas, de Coimbra; outras, da Covilhã; 3.000\$00 de Escuteiros; um grupo

de Chãs (Leiria); um grupo da Figueira da Foz; visitantes; um grupo de S. Romão; outro, de Arganil; dono de fábrica quer comprometer-se para nos ajudar. Um coração a arder, o daquele homem novo. Senhora, de Canas de Semide; a senhora muita amiga, de Alcorochel; um cheque de três mil; anónimo, do Rossio ao Sul do Tejo; Amiga, de Marinheiros (Leiria); casal, de Coimbra, com dez mil; vale, de 500\$; mil, de Foz de Arouce; 500\$ encontrados em Tomar. Cinco mil, de Santa Eufémia; o casal das Meãs; o casal de Pereira; o casal de Cebolais; a senhora, de Cabeçudo; amigo, de Várzeas; Amigos, de Coimbra; a Amiga, de Cabaços; aos nossos vendedores d'O GAIATO; Amigo, de Pombal, com dez; grupo, de Ceira, com 6.500\$; mãe vizinha, com dez; Amiga, da Figueira da Foz, com cinco; anónimo, de Guimarães; 16.942\$50 de grupo da minha aldeia; mimos de festa, em Almalaguês; vinte, em carta, de Ana Maria; carta de Arganil; 7.500\$, de Moita da Serra; Amiga, de Viseu; Amiga, de Montemor-o-Velho; Amiga, do Luso; Amiga, de Mira.

Professores e alunos, de Cardigos, com quinze mil; o pescador, de Quiaios; Amiga, do Lar da Lousã; vinte, de médico, de Coimbra; Amigo, de Almeirim; dez, de Tomar; alunos da Escola de Vila Verde; cinco mil, de Cascais; trinta, de professores, de Seia; grupo de Pombal; 5.700\$ de Assistentes Sociais de Coimbra; 4.376\$ de catequese do Areeiro; vinte mil, de um dos nossos; Amigo, de Coimbra, com dez mil; cinquenta, de senhora Amiga, de Lisboa; dez mil, de pro-

messa de casal, de Arganil; Amiga, de Proença-a-Nova, com dez mil; quinze, de casal, de Coimbra; Amiga, de Abrantes, com vinte e cinco mil; Amigo, da Sertã; sacerdote de Castelo Branco.

Filha que veio com a mãe de 90 anos e trouxeram cheque de dez mil; cinquenta mil, de três irmãs, de Coimbra; a Amiga, de Vilar Formoso; 4.000\$ de senhora, do Lar de Espinhal; Amiga, de Amadora; Vicentinos, de Parceiros (Leiria); Amigo, de Braga; Amiga, de Gavião; Paróquia de Meãs; Amiga, de Vilarinho; Amiga, de Souselas; anónimo, do Sul do Tejo; Amiga, da Póvoa de Varzim, com cinquenta; assinante, de Lagos; João Pedro, da Lousã; senhora, de Cerdeira; sacerdote capelão, em

França, com francos e escudos. É tão bom abraçarmos velhos amigos!

Maria dos Prazeres, de Lisboa, com trinta e cinco; sacerdote com cheque pesado; Amigos, de Leiria; casal brasileiro com mil; mil e mimos, das mãos de mãe de sacerdote; senhora, de 70 anos, de Castelo Branco; Amiga que vem, muitas vezes, de Condeixa; um abraço e carteira aberta, no Seixo de Montemor. Já há anos não nos víamos!

Senhora, de Porto de Mós. Mais, de Lisboa. Mais e mais e mais, de Coimbra. Mais tudo aquilo que nos chega a Casa e não somos capazes de dar contas. O Senhor Deus tem tudo em Sua presença. Louvado seja.

Padre Horácio

## PARTILHA

★ Porque corremos tanto? Nas estradas, nas cidades, no nosso próprio lar. Em todos os sentidos, dentro e fora de nós.

Ocupações que urgem. Negócios que não esperam. Consulta marcada. Hora da Missa, do cinema e do jogo. Desastre do amigo. A morte do pai. Vamos chegar. Corremos sempre.

À noite, quando chegamos a casa, os filhos já sonham com as imagens que a televisão lhes deu... A esposa boceja.

Todo o meu dia corri... Alcancei coisas... Ficou-me a impressão de o essencial me ter escapado como enguia ao sair da água.

Dizia-me, há dias, um jovem estrangeiro: «Os meus concidadãos perderam o controle, não são capazes de parar. Não sabem bem porque correm. Já não é bem atrás de dinheiro... Mais enrolados por botões 'estúpidos' com que (ainda

sonham!) querem resolver os problemas das pessoas».

Muito triste!

Que bom se fôssemos capazes de parar diante dum rio, dum monte, duma ave e duma flor! Criaturas de Deus! Nós também criaturas de Deus!

Perdemos um pouco a noção de Deus e o sentido da vida; e afastámos do coração a linha da Eternidade.

A nossa corrida perdeu a meta do essencial. Vai ter a outras metas, por vezes, banais e ridículas.

Que pena não sermos capazes de parar para reflectirmos e nos encontrarmos... Encontro de cada um consigo próprio. Evidente que, o encontro connosco supõe e implica o encontro com Deus — Criador e Senhor. E, então, será o encontro com todos os outros que, a nosso lado, atravessam o deserto da vida.

«Louco, nesta mesma noite morrerás. Para quem ficará o que ajuntaste?»

Vale a pena correr, sim, quando, lá ao longe, está o nosso Deus.

Ele espera-nos, ansioso e cheio de bondade.

★ Lembro aquele pai que passou a vida correndo para juntar riqueza e não soube conduzir os seus filhos em direcção aos verdadeiros valores. Deu-lhes conforto, dinheiro e automóveis — sem nada exigir.

Claro que logo deixaram os estudos e depressa ficaram cansados da própria vida.

Soube que, na hora da morte, duas lágrimas sentidas e repassadas de angústia rolaram pelas faces daquele pai, ao ouvir de um dos filhos, à porta do quarto: «O velho ainda não morreu?»

Metas vazias de sentido!

Os filhos querem pais que os

amem, mas que saibam pôr em seus corações as sementes do amor, do trabalho e da dignidade.

Falsos valores só geram tristeza.

★ Claro, o «olhai os lírios do campo» não quer dizer que cruzemos os braços e não vamos procurar o nosso pão. Também não, que paremos a nossa empresa.

Diz, simplesmente, que não devemos fazer aqui a nossa pátria e, sobretudo, que devemos pôr Deus no primeiro lugar, lá na meta de chegada.

Padre Telmo

## Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Será no dia 22 de Outubro, às 10 h, o lançamento da primeira pedra no loteamento do Lugar de Vales, Paço de Sousa, para construção de moradias destinadas a famílias de antigos gaiatos, inscritos na Cooperativa.

Escolhemos o dia próprio: celebração do nascimento de Pai Américo — 102.º aniversário! De certo feliz com os primeiros passos da concretização duma obra indispensável às famílias de *filhos* da Obra da Rua, algumas habitando moradias sem o mínimo de condições.

Aguardamos a presença de antigos companheiros e sócios da Cooperativa. Para o efeito convidámos, também, representantes de entidades oficiais que têm em mãos todo o processo inerente à construção das habitações.

Carlos Gonçalves

nos fazem oscilar um pouco, mas com a fé em Deus e boa vontade, tentamos remar o barco para a frente.

Numa das reuniões, o nosso director espiritual disse que, hoje, a vida é mais fácil do que quando Pai Américo fazia a visita aos seus Pobres. Ao mesmo tempo, os Pobres, devido ao ambiente em que vivem, não têm capacidade de reagir às doenças, ao mal-estar e à sua miséria, que não é de café ou de pão, embora também exista. A maior miséria é a espiritual, exactamente o grande drama da nossa sociedade. Por isso, é esta parte da comunidade que mais necessita que nós, vicentinos, sejamos os transportadores do Evangelho. A missão do vicentino não é só dar esmola, mas ajudar a crescer espiritualmente e tem que ser à custa de caridade paciente que os conseguimos arrancar daquela estagnação. É com muita perseverança que conseguimos fazer alguma coisa para uma vida melhor.

O verdadeiro vicentino tem de ser humilde e é essa humildade que Pai Américo descreve no livro *Barredo*. É no Barredo, Miragaia e outras zonas do género que vemos as carências que esta gente sofre. Por isso, temos que estar preparados para aceitar os seus descontentamentos e revoltas que a sociedade lhes provoca.

É com estes conselhos e palavras de conforto que a nossa Conferência trabalha, porque também precisamos de conforto moral dado pelos nossos amigos e seguir sempre a palavra do Evangelho.

Da nossa Amiga que se assina por J. R. D., o recorte de um dos jornais onde relata o drama de um casal novo, com três filhos e outro a caminho, que vivem num barraco, em Folgosa (Maia). Queremos informar que já tentámos falar com o Pároco da freguesia, mas está em termos. Por isso, este caso não ficará esquecido. Iremos fazer os possíveis para que a paróquia tome conta deste caso, ficando a nossa Con-

ferência incumbida de dar o apoio que for possível.

Um casal que vive em Casalito (Leiria), tem cinco filhas, prontificou-se a ficar com uma neta da sr.ª Alzira. Este caso é um pouco delicado, como devem imaginar. Teremos que pedir o consentimento dos avós e da mãe. Logo que tenhamos uma resposta, entraremos em contacto. Podemos adiantar que os rapazes já se encontram na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa; os avós nem queriam acreditar, mas graças a Deus ficaram libertos de um peso que os atormentava.

Quanto à casa que pensamos arranjar para os nossos Pobres, parece impossível tanto tempo, mas a verdade é que ainda estamos à espera de uma resposta da Câmara Municipal do Porto.

Como se aproxima o tempo frio, apelamos aos leitores que tiverem cobertores ou lençóis usados no-lhes possam enviar. Ficamos agradecidos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 35819, 200\$; 200\$ por alma de Maria Alice; Casalito, 5.000\$; anónimo, 2.000\$; Queluz, 1.000\$; assinante 19177, 2.500\$; assinante 47167, 7.000\$; assinante 24671, 2.000\$; J. R. D., 3.000\$; assinante 50457, 1.000\$; Póvoa de Varzim, 3.000\$; V. N. Famalicão, 5.000\$; assinante 43174, 1.000\$; José d'Eça, 5.000\$; assinante 4795, 1.000\$; anónimo, 2.000\$; casal anónimo, 3.000\$; assinante 23618, 3.000\$; assinante 4389, 15.000\$; «Zé do Porto», 500\$; assinante 7969, 12.000\$; assinante 37984, 10.000\$; assinante 30177, 500\$; assinante 13928, 1.000\$; assinante 30177, 500\$ «por alma dos meus irmãos»; Elizabeth, 500\$.

Endereço da nossa Conferência de S. Francisco de Assis: Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Casal vicentino

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

ASSEMBLEIA GERAL — Comunicamos aos associados que está marcada uma reunião para o dia 28 de Outubro, às 14 horas, na sede social — Lar do Porto — com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Assuntos da Associação;  
2. Marcação da eleição dos corpos sociais para o biênio 1990/1992.

Esperamos a presença do maior número possível de associados.

José Lemos



# NOTAS DA QUINZENA

Cont. da página 1

os mais pobres estivessem no centro das preocupações reais. Por outras palavras: o encontro com a verdade do que se professa e se vive, desencadearia uma corrente tão forte que provocaria o choque necessário para a tomada duma decisão de mudança de vida.

O processo tem o seu início no grão de trigo que, no seio da terra, escondido, dá origem à espiga; no grão de mostarda, a mais pequenina das sementes, e por aí fora. Numa palavra: trabalho humilde e coração pobre.

**4** Mas que posso eu fazer diante da montanha que começa dentro de mim mesmo e cresce fora de mim até perdê-la de vista? O mesmo é dizer: os casos são tantos e tão diferentes — por onde começar?

Primeiro que tudo convencer-me de que a solução também passa pelo meu coração, isto é, pela minha vida. A primeira pedra a remover está dentro de mim. E sou eu que tenho que realizar este trabalho.

Se não experimento a bem-aventurança dos pobres de coração não posso anunciá-la. Ninguém me acreditaria. Tanto mais que os ouvidos estão cheios de ouvir falar dela. Experimento, vivendo.

O bem que fizer, irradia. Quanto mais experimento mais

gostó tenho de viver. Mais feliz sou. Sinto-me útil, ao ponto de sentir necessidade de ir mais além.

Apesar das saudades da vida mais fácil, porque menos comprometida com os mais pobres, não quero voltar atrás porque ninguém ocupou o lugar que me pertence. É o meu, na história.

Está dado um passo importantíssimo na minha vida. Comecei a cortar, a sério, as amarras. Novas experiências e mais gosto de viver, porque vou mergulhando no centro da Vida Nova gerada pelo Baptismo.

Eis-me no ponto decisivo. Liberto da superficialidade em que tenho vivido, alcanço a liberdade pela qual o mais profundo do meu ser anseia: Ser capaz de me dar sem reservas. É a forma única segundo a qual vale a pena viver: dou conta da beleza escondida no oceano de bondade que é o coração de cada um; já não encontro repouso, enquanto não a partilhar com os Outros até ao dom total. Não é possível viver sem eles.

Trata-se dum processo lento, doloroso e crucificado que faz parte integrante do ser humano. No cristão urge e leva à alegria da Páscoa.

Nesta perspectiva, ninguém deve ficar fora do banquete da vida. Casó a caso, dos que vão aparecendo pelo caminho, têm a resposta semelhante à que o

Senhor deu, ao chegar à cidade de Naim.

É só um?! E os outros?! Só o coração pobre e humilde pode dar a resposta, sem perder a serenidade.

E a montanha vai-se esbatendo. As colinas vão sendo arrasadas. A alegria enche de leite os peitos dependurados e secos das mães com os filhos ao colo. Os filhos a chorar pelas mães que vagueiam pelas estradas, encontrarão outras que virão ocupar o seu lugar. As famílias, amontoadas em casebres, terão a sua casa digna. O doente que não tem onde



Os filhos a chorar pelas mães... encontrarão outras que virão ocupar o seu lugar.

morrer como irmão ou irmã, terá o coração que o há-de acompanhar.

Só é preciso sair do meio da

multidão anónima e tomar a decisão de dizer: Sim!

Padre Manuel António

## AQUI, LISBOA!

Cont. da página 1

de espera avantajada, mas pouco acessível pelas exigências materiais para nele se ingressar. Meia hora de permanência numa sala-de-estar foi o suficiente para se estabelecer diálogo com as senhoras presentes. A uma delas, já muito surda, mas com a cabeça ainda arrumada, ouvimos dizer, com todos os pormenores, que era esse o dia da festa da sua aldeia, que tinha duas filhas, uma das quais no estrangeiro e que a segunda dispunha de carro e que bem a teria vindo buscar, se quisesse, mas que os familiares só apreciavam quando precisavam de dinheiro, acrescentando às palavras a linguagem gestual correspondente.

Ainda neste Lar, ao passar por um dos corredores, encontramos uma residente de moletas, descalça, corpo pesado, que se arrastava penosamente para se dirigir à casa de banho. Foram os nossos acompanhantes, entre os quais um rapaz, que ajudaram, com dificuldade, já que não aparecia ninguém para o fazer.

Desta visita brotou, necessariamente, uma reflexão sobre a temática dos Lares, das explorações muito frequentes que se processam, da falta de carinho e de atenção existentes, dos preços exorbitantes cobrados, e do abandono, por parte das famílias dos utentes, que há casos em que as pessoas apenas se dirigem às tesorarias para pagar e nem sequer visitam os seus familiares...

Um terceiro momento forte do curto período de férias em que nos encontramos, foi a visita a um Amigo, vítima dum grave acidente cardiovascular, internado numa clínica sofisticada, do melhor que há no País. Das poucas palavras pronunciadas apenas retivemos: «Estou aqui bem; não me falta nada». Claro que ficámos satisfeitos com o facto, mas logo nos lembrámos das legiões que não têm acesso aos cuidados mais elementares. O mal está precisamente em não ser possível acudir a todos os pacientes da

mesma maneira e que seja o vil metal a discriminar as pessoas.

Finalmente, neste diário de férias, acrescentaremos a feliz casualidade de estarmos instalados no mesmo local onde se encontravam em Congresso Internacional, oriundos de mais de 20 países, umas dezenas de deficientes, com os respectivos acompanhantes e assistentes, pertencentes à «Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes» (FCD). Paraplégicos, hemiplégicos, tetraplégicos, invisuais, amputados, atrofiados e outros, da África, da Europa, da Ásia e da América — constituindo um movimento, que não obra ou associação — reuniram-se durante mais de uma dezena de dias para tratar dos seus problemas e de se entretajudarem, numa óptica similar à que levou à criação do Calvário: movimento de doentes, para doentes e pelos doentes.

O Espírito sopra onde, como e quando quer. Na década de 40, um sacerdote francês, Henri François, ordenado com muita dificuldade graças à sua débil saúde, foi mandado visitar doentes; e assim nasceu a Fraternidade, movimento de evangelização de «leigos para leigos». Ao falecer, em 1986, com 89 anos, circulando em uma cadeira de rodas e, após acamado, sofrendo sem um queixume fortes dores gástricas, ainda teve a graça de pronunciar uma última frase: «Alegro-me em deixar este mundo, com a certeza de deixar atrás de mim, a Fraternidade, Movimento de Evangelização».

A FCD apoia-se em sete princípios fundamentais: está cimentada no espírito de fraternidade evangé-

lica que deve ser vivido na prática; dirige-se a todos os doentes e deficientes, sem qualquer discriminação; fomenta grande união pessoal e comunitária entre os seus membros; pretende o desenvolvimento integral de todos; está animada por equipas de responsáveis; recebe a orientação espiritual dos assistentes que participam activamente na vida das equipas.

Paulo VI afirmou, em audiência concedida em 1972, à Fraternidade: «Os doentes não se sentem apenas 'assistidos'; sentem-se também 'responsáveis'. Ora é fácil adivinhar tudo o que esta consciência da sua responsabilidade lhes pode dar sob o ponto de vista psicológico, moral e religioso».

Pelo que nos foi dado observar, ver e falar, nunca sentimos com tanta evidência a verdade contida nas palavras de Pai Américo com que encimamos este «Aqui Lisboa». A alegria, o sentido de entajudado, a comunhão, o espírito de iniciativa, o aproveitamento das suas potencialidades mostraram-nos à evidência que todos renascem para a vida, que desejam ocupar o lugar a que têm direito no mundo e que não querem voltar as costas aos saos. Estes, como se diz num opúsculo do Movimento, «devem-nos acolher fraternalmente para juntos erguer a cidade terrena e a cidade de Deus... Limitados mas vivos».

De facto, «o Incurável é uma fortuna!»

Padre Luiz

## O NOSSO JORNAL

Cont. da página 1

Esta carta, naturalmente, provocou um encontro esclarecedor. Foi uma noite de comunhão! Da nossa parte queríamos deixar claro que a nossa grande preocupação no crescimento d'O GAIATO é que a cada folha impressa correspondam leitores. De outro modo seria uma ilusão, pois não é a tiragem que nos move, mas o número dos «tocados». E estes não o serão se o não lerem. Por isso em nossa campanha de assinaturas sempre pomos o acento neste livre compromisso assumido pelos novos assinantes. Quem, por qualquer razão não pode, habitualmente, lê-lo, ou não tem em sua casa quem o leia, por favor não assine. Podia acontecer que estes nossos amigos fossem movidos pela boa intenção, porém, menos ambiciosa, de que o jornal provocasse ajudas que «contribuissem para o crescimento da Obra criada por Padre Américo». Mas não. Eles conheceram a Obra da Rua pelo jornal. Foi ele que os «feriu». Por ele mantêm, actual e viva, a sua convivência com esta grande Família,

com o pensamento que a alma, com a perene frescura e fecundidade do Evangelho de que a Obra é testemunho. Daí a sua necessidade de que muitos experimentem identicamente a dimensão evangélica da Obra que é, também para eles, a tônica dominante. Daí a comunhão daquela noite, reconfortante de tantas, tantas fadigas!

E como o amor do Próximo é o Mandamento e este casal de médicos é um par de discípulos do único Mestre e Senhor, ei-los a contagiar os seus pares na Medicina, por agora os do norte, cerca de oito mil, mas deliberados a levar o facho, também, aos do resto do País.

Este número e o seguinte vão entrar, pois, em muitos lares, alguns pela primeira vez, outros, já assinantes, em duplicação. Estes escusam de dizer nada. Continuarão, na mesma, a receber o seu jornal. Aqueles dirão da sua justiça, os que quiserem ser inscritos em definitivo no ficheiro d'O GAIATO, dentro do princípio que ser assinante é ser leitor.

Padre Carlos



# Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e Imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Conf. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Setembro: 72.510 exemplares